



# *Um eu poético*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Marlene Kremer

## **Arte de anjos**

**Adormecia os meus sonhos**

**Quando, assim - de súbito - asas**

**De anjos**

**Roubaram-me o sono**

**Com suas galhofas e seus farfalhares.**

**Ah, anjos peraltas!**

**Algumas dezenas deles**

**- pareciam ser milhares -**

**Revoavam dimensões altas,**

**Mas, tão altas,**

**Meio a um breu fugidio, longe dos**

**luares,**

**Que sequer consegui apanhar de**

**volta**

**Vultosos desejos meus por lá**

**espalhados,**

**Nos ares!**

# Um eu poético





Marlene Kremer

## **Um eu poético**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

### **Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 26/04/2017 1ª Edição atualizada

K92e Kremer, Marlene

Um eu poético [re curso eletrônico] / Marlene Kremer. –  
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.

3,53 MB. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-219-0

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# Sumário

Apresentação.....	9
A Carta .....	13
A Dor Do Outro.....	14
A Felicidade Permite.....	15
Alucinógenos .....	16
Amantes.....	17
Andantes.....	18
Anjo Perverso .....	19
Àquele Que Nunca Tive.....	20
Arte De Anjos.....	21
Às Fadas .....	22
Às Jovens Manhãs.....	23
Auto Ajuda De Encontro Ao Melódico Cooperar.....	24
Autoral .....	25
Ave Anjo! .....	27
Batatinha Quando Nasce.....	28
Beija Flor .....	29
Brisa .....	30
Cantando Sertões .....	31
Cem Anos Ou Mais... ..	32
Chão De Sonhos.....	33
Cinismo .....	34
Código.....	36
Codinome, Paixão.....	37
Como Se No Paraíso Fosse.....	38
Conselheiros .....	39
Conspiração .....	40
Das Dores.....	41
Deixo-te Um Poema.....	42
Desatino.....	43
Descolorindo Flores.....	44

Despedida.....	45
Diga e Vai!.....	47
Dilemas.....	48
Dizer Que.....	49
Do desejo.....	50
Encanta-me .....	51
Eu e o Poeta.....	52
Faces De Mim .....	53
Febreil Poema De Amor .....	55
Felina .....	56
Filhos .....	57
Flores Mortas .....	58
Fluidos... ..	59
Fogueira.....	61
Geografia .....	62
Influências .....	63
Inocência .....	65
Inocente.....	66
Irmãos: Inteiras Metades .....	67
Jardins.....	68
Lágrimas .....	70
Luta .....	71
Luxúria .....	72
Maçã.....	73
Matrimônio .....	74
Meu Hoje.....	75
Meu Oprimido Universo.....	77
Morre Em Ti.....	79
Morrer Em Alto Mar .....	80
Mulher .....	81
O bem x O mal.....	82
O Homem e a Fera.....	83
Objeto Do Verbo Amar.....	84
Olhar Pirata .....	85
Os Deuses e a Lua .....	87

Outras Luas .....	88
Ouvi Dizer Por Aí.....	90
Palavras.....	91
Passado a Limpo .....	92
Passo a Passo .....	94
Pedra Nobre, Pedra Pobre.....	96
Poema Sóbrio .....	97
Poesia II - Sinfonia.....	98
Quando Me Bate o Sol.....	100
Quem Sou Eu? .....	101
Reencontro .....	102
Resiliência .....	103
Rigidez.....	104
Sabor Tristeza .....	105
Se Me Amares.....	106
Subtraindo Letras .....	107
Tela e Arte .....	110
Um Adeus .....	111
Um Certo Fred Astaire.....	112
Um Estranho No Ninho.....	113
Um Eu Vulnerável - Amar II .....	115
Vil .....	116
Xadrezes .....	117



# Apresentação

Caro leitor. Inúmeras são as situações que delegam instrumentalização ao âmbito literário para que dele extraiamos o produto final. Sobretudo o aspecto lírico nos moldes convencionais. Tradicional ou arrojado, ambos os estilos mantêm se ativos a séculos. E é sob tais aspectos que vos apresento-me em retórica indagativa: o que enuncio no momento dessa poética? O olhar sempiterno, zeloso e que tende a fazer do poeta um anônimo observador dos acontecimentos que o cerca, por vezes oscila entre momentos que vão desde um breve toque nostálgico, se direcionado àquela criança que, alheia, brinca dentro duma caixa de areia qualquer, propositadamente ali esquecida no quintal da casa; a uma interpretação mais aprofundada, porém tão subjetiva quanto, como quando, por exemplo, o mesmo se propuser a observar aos movimentos de uma equipe de profissionais da construção civil atuando no processo laboral de algum outro espaço físico, onde, pessoas ligadas ao ramo organizem a futura instalação de um prédio de vinte ou mais andares.

A ele convém o enlevar se diante de quadros inspiradores, combinados ao conjunto das ideias e imagens relacionadas que afloram do seu íntimo, propondo a escrita do que lhe vem a vista e à alma. A partir desse enfoque é que o poeta constrói sua mensagem particular, de forma a causar interpretações outras no ato de cada leitura individualizada. Em geral dosando-as de certo lirismo ao

alternar lhes instantes que fluam entre encantamento ou rebeldia, adoração ou repulsa, sonho ou nostalgia. Independe as suas escolhas. Porém, comprometido a talhar palavras, esculpindo-as com destreza, trabalhando aos tantos ensaios de modo a sensibilizar os apreciadores da boa poesia com sua proposta.

Vivemos aqui e ali. Junto a prédios, asfaltos, rios, mares, ruínas, jardins, chão de terra vermelha, cânions, serrados, oásis, enfim. Ou simplesmente moramos no coração das pessoas por pura intuição e sobrevivência ao que seja percebido como amor de fato. Nestes moldes deu se a saga de então: um eu mergulhada em feitos – afetos e desafetos, encantos e desencantos. Levada a consolidar pensamentos no mundo das artes do abecedário, na pretensa intenção de estender lhes por sobre folhas de papel em branco até estas adquirirem forma e aparência desejáveis.

Logo cedo, menina ainda, percebi aflorar em mim essa inquietante necessidade de ler e escrever. E, uma vez mais, tornar a ler e reescrever algo que me vai desde o íntimo até o córtex, assim, livremente como se banhasse o corpo em água fresca num dia de extremo calor. A sensação é de puro alívio ao esvaziar-me dos tantos e tantos verbos e interjeições que generosamente inundem-me o pensamento, enquanto, num versejo à vida, devolvo-as ao papel. Atitude típica dos que, acredito, absorvam a literatura em sua contemporaneidade e toda extensão que a ela se aplique, condignamente.

Da gama de autores consideráveis e que desfilavam diante dos meus olhos à época, acolhi a um Quintana no seu anseio alado:

“A estes que aí estão atravancando o meu caminho, eles, passarão, eu passarinho.” Grandioso. Tanto quanto Baudelaire e seu Albatroz. Depois disso deparo-me com um Drummond de Andrade “Olha: o amor pulou o muro, subiu na árvore em tempo de se estrear. O amor, esta ferida, meu bem, às vezes não sara nunca; às vezes sara amanhã (o amor é bicho instruído.)”. Até colidir com um Fernando Pessoa e seus heterônimos auspiciosos: “Mestre, são plácidas todas as horas que nós perdemos. Se no perdê-las, qual numa jarra, nós pomos flores”. Paixão à primeira vista. Uma viagem inesquecível a muitos Rebanhos. Dali nascia-me a ideia de aprimorar o que hoje exponho: um típico caso de amor platônico com a escrita dos deuses poetas e suas constantes surpresas.

Enfim, aqui tramitam as auras de *Um eu poético*, na pessoa desta que se vos apresenta.

A autora



## A Carta

Contigo, futuros ousei sonhar amigo!  
E através desta minha carta,  
Simple carta, envio-te o desejo  
De mil felicidades!  
Um grande abraço, um doce beijo  
E que a distância jamais nos afaste.  
Pois que, do verso, sereis vós palavra viva.  
Digo-lhe mais ainda: como uma rosa,  
Ou dessa, grande parte,  
Me serás presença sempre forte  
- flor que se baste -  
Ou também  
Suporte,  
Haste.  
[avisa-me o apito do trem]  
Desculpai.  
Adeus!

Da pessoa que lhe quer bem,  
Atenciosamente

Tua amiga.

## A Dor Do Outro

Esquisitice aguda  
Esta coisa de medir dores  
Se medires o sofrer  
Do outro  
Verás  
Nem tudo é,  
Nem tudo são flores  
Do sofrimento,  
Tome-o para si  
E tudo muda...

Esquisitice aguda  
Esta coisa de medir  
Loucuras  
Ainda estou à procura  
De mim:  
E se me ocupo  
Em obter dimensões  
Então...  
Ganho  
Se na culpa  
De ser o que sou  
Me estranho  
Comigo mesmo

Afinal...

A dor declarada do mundo me põe marginal.

## A Felicidade Permite...

Você finge que me namora  
E eu finjo que te acredito  
Assim o viver mais se demora  
E o faz de conta se faz mais bonito.

Você inventa uma canção por agora  
E eu resgato um refrão menos sofrido,  
Enfrentemos juntos o passar das horas,  
Enquanto (cá dentro) acomoda-se amor dorido.

Você sai, bate a porta, diz que vai embora  
E eu finjo nem dar te ouvidos:  
Se não nos alcança o romper da aurora  
É porque admite-nos ser esposa, marido...

Você não mais me credita, até ignora,  
Não sabes que amar é também impor limites?  
Adiemos, pois, tolices infundadas de outrora  
Que a vida apressa-nos e a felicidade permite!

## Alucinógenos

Meu fatal disfarce, usa de gestos tolos;  
Como abanar os longos cabelos louros,  
Diante de teus escuros olhos de mouro.  
Não mais arrepias (em prazer) os pelos

O toque suave do meu dorso em teu colo.  
Já meu desassossego acaba na hora exata  
Em que me acaricias a vista com tua farta  
Graça... Apoiada em tuas faces de mouro.

Venho lutando dia a dia, minuto a minuto,  
A converter minhas loucuras em sanidade;  
Do que, penso, seria sonho - resoluto -  
Ter-se algum direito, n'alguma felicidade.

E por ser mudo que se faz o último apelo,  
De um condenado à morte, no corredor...  
E ainda que em seu socorro, merecê-lo;  
Gritos não me vêm: mato enfim teu amor!

## Amantes

Qualquer fala sua, um movimento qualquer,  
Conta-me desta performance em fantasias:  
Dubla o que quer... um homem, uma mulher.  
Acabrunha o sol, o ermo das horas e dias...

Invertem-se luas na fase do bem me quer.  
Burla cirandas, onde, o pega-pega e folia  
Diz, pronto. Tudo pronto pra o que der e vier.  
Pasma, ali, inerte, caras de bobos da alegria,

Intui: parece, à sua volta, nada mais importa:  
Ah, bem que acabar o mundo, agora, podia!  
Todavia, chegada a hora, a chave na porta;

O longo abraço denotando afã e nostalgia,  
Vê, cada despedida sobreviver meio morta,  
À façanha moribunda d'um amor em agonia.

# Andantes

Que o diga aquele que nunca se cansou  
De tudo  
De nada

De estar na cama ou fugir dela  
De andar por trilhas  
Ou cair na estrada...

Cansar-se em andar cansado  
De cavar futuros  
E enterrar passados...

Quem nunca se cansou da lida,  
Ler a vida em seus engôdos

Quem nunca se pensou alado?  
Um Zeus num céu furtado?

Que o digam os andantes todos.  
Que o digam os viventes todos.

## Anjo Perverso

No abandono, exibo um triste hino às paredes.  
Aprisionei me, consciente, talvez, dentre elas...  
Onde os quereres de mim repousam em redes;  
Onde debruço alguns sonhos por sobre mazelas.

Disseste-me, exultante, n'algum tempo atrás:  
Em meio a tantas, vejo te como a mais bela;  
Lorotas, anjo! Alvorço que o tempo desfaz...  
Pois que, perverso afanou-me chão e janelas.

Porém, acredita-me: não desencantei o porvir;  
Algo diz siga, busca o que te agrada, és capaz.  
Boas novas hão de cercar lhe, e, ver-te a sorrir...

Pois que vontades, detêm-me. E isso basta, refaz.  
Ademais para sempre se fora, ora! melhor admitir;  
Ignorar-te-ei (de nós) o dobro. E ser-te-ei, jamais!

## Àquele Que Nunca Tive...

A voz denuncia: diz que eras da era de Aquário.  
Uma voz rouca, intrometida, vinda do imaginário,  
Adivinho. De quando estranho e lento me vinhas;  
Ia-se ao meu encontro – e se ria! Também o mar,

Comigo bulia. Á praia, me exponho, a'Alma minha  
Ali debruçada (recomposta), convicta a esperar..  
Feito tormenta alagas rochas sob Luas de Áries:  
Uma flecha vaza o cínico lusco fusco dos ares...

Vindo a talhar bustos os sulcos por ela abertos;  
Lesando o trono de quem não se via por perto.  
Espaço de quem viria inteiro, absoluto, disposto;

Às veredas do Amar... Espaço que, por ser Livre,  
Vive-me eternizado em moldes de estranho rosto:  
Glamorosa face do bem querer que ainda não tive!

## Arte De Anjos

*Adormecia os meus sonhos  
Quando, assim, de súbito, asas  
De anjos  
Roubaram-me os sonhos  
Com suas galhofas e seus farfalhares.*

*Ah, anjos peraltas!  
Algumas dezenas deles  
- pareciam ser milhares -*

*Revoavam dimensões altas, mas tão altas  
Meio a um breu fugidio  
Longe dos luares...*

*Que sequer consegui apanhar de volta  
Vultosos desejos meus, por lá espalhados,  
Nos ares.*

## Às Fadas

Aí, me confundo,  
Penso.  
Argumento.  
De fato,  
Não sou de todo mundo,  
O mundo.  
Apenas canto os meus versos  
Com os quais  
Não tão solene  
Converso.  
Dou me inteira  
Ao que trouxe comigo.  
Meu segredo?  
Se houver,  
Sequer aos deuses  
Confesso:  
E, assim, como num conto,  
Meramente prossigo.

## Às Jovens Manhãs

Quando, exaustos, nada mais  
Houver a dizer-se, enfim..  
Ou ainda nada se tenha a ouvir.  
Quando tudo à sua volta  
Lhe causar insidiosa impressão  
De que hora ou outra algo possa  
Vir a ceder, quem sabe mesmo ruir!  
Refrigera esse teu pensar:  
Mire se no espelho da fiel alma  
Que, frustrada, um dia cedeu  
Aos encantos do que, sabia,  
Jamais seria propriamente seu;  
Pois que, devia, deixar lhe partir.  
Nutra-se, então, da loucura sã  
De que, sobriedade e vida  
São sentires frementes...  
Silentes figuras ao alcance lúgubre  
Do breu: o findar de cada tarde fugidia  
Que, calculista e no silêncio noturno,  
Gesta o eixo do carro de rolimã...  
Cegonha de ferro na velocidade dos dias  
A brincar de alcançar boas novas  
No parto morno de cada nascida manhã!

# Auto Ajuda De Encontro Ao Melódico Cooperar

Pois heis que o ocaso,  
Naturalmente,  
Encontra o viril poente.

O horizonte, em cores,  
Tenta desenhar um fim...

E, ainda assim, a vida  
Jamais irá encontrar te  
Em harmonia com este fim.

Afinal,  
Qual morte é bem vinda?

## Autoral

Sou menos audaciosa do que gostaria. Ainda assim, sou intensa. Tenho vida múltipla. Meio arredia algumas vezes, é certo! Mas, ao mesmo tempo converto-me em alegrias e reciprocidade. Benevolente, quando devo ser. Compreensiva. Marcas registradas. Ouço a músicas chatas (exceto ao porre do Amado Batista, óbvio) para melhor avaliar as que estão acima disso, em outro patamar. Vejo e ouço a jogos de futebol. Inclusive aos do time do Inter (maior rival do meu). Adoro Karatê - fiz dois anos, parei devido a um acidente: atingiu-me a rótula. Gosto muito da antiga Caloi, minha velha Bike. Ah, reciclando-me, no momento! O trânsito de veículo automotor supera-se em perigo, hoje. Gosto de ginga, capoeira. Suco natural. Revista Sabrina. Almanques. Praia e piscinas. Passeios ao ar livre. No entanto, falo sobre coisas sérias durante quase todo o tempo e por isso, penso, até me bordem como pessoa sisuda ou mesmo antipática, eventualmente - menos mal -, devido a essa seriedade que me acompanha. Herança de meu pai, o senhor Augusto.

Julgo-me pessoa normal, ainda que muitos me observem com alguma desconfiança. Pois é! Motivos? Só se forem os deles, porque, me olho no espelho sempre que necessário. Deixei de ser escrava dele para agradar aos outros. Descobri, finalmente, que o mais importante é mimar, reverenciar a mim mesma, acompanhar a Ciência o mais de perto possível, vigiar aos céus e crer nas forças do invisível. Pois que o visível nem sempre é o que aparenta ser: imaginemos uma coisa e se nos apresenta outra. Curioso é viver a autenticidade de uma ilha flutuante. Ela é o que sempre foi. Um pedaço de algum continente que se desprende e agora navega águas estranhas rumo ao desconhecido. De resto, o que sobra são apenas

detalhes insignificantes de uma vida repleta de mesquinhas. Mas, creio, o tempo se encarregará de exterminar com estas também. Sou uma sortuda. E, apesar de; bastante FELIZ!

## Ave Anjo!

Peço a um anjo - cuidadoso anjo!  
Por mim orar, convencer  
A virar a página  
Que não ousei ler.  
Pois, que, ainda não a escrevi.

Àquela página que não ousei viver,  
Direi, tu me serás eterna lacuna  
Branca, a que nunca li  
Porque, desenhá-la, não me atrevi  
Voar alto, não me atrevi.

E então jamais saberei das ditas  
Aventuras tantas!  
Das cousas por mim não escritas  
Aventuras tantas!  
Promessas loucas, "santas"  
Que, afinal, não vivi.

## Batatinha Quando Nasce...

Suor folia e beijo  
Ovo frito bacon e queijo  
Uísque com guaraná  
Cerveja carne seca fubá  
Se em demasia  
Até mesmo a inocente  
Bolacha Maria...  
E lá vem o asfalto  
Minérios cadilac  
Pepita e basalto  
Passarela salto alto  
Esquete ou prancha  
Barco ou lancha?  
Sol bronze  
Areia e mar  
Lua pra namorar...  
Xi! condena-se quase tudo  
Pô! Que absurdo!  
Inclusive na hora de amar  
Não se deve bobear...  
O que é que foi  
O que é que há?  
Quando não o açúcar  
Nos vem o sal  
Também vilão e faz mal.  
Pergunto-lhe, então:  
Com o que brindo  
Eu, afinal?!

## Beija Flor

Quem melhor vê o mistério das flores  
Se não a natureza enfeitada de cores;  
Se não a amada em dia dos namorados  
Se não algum peito borbulhante de amor?

Ou então colibris. Bicos longos, esverdeados;  
Ou borboletas azuis; voando leves flor em flor.  
Quem, se não abelhas batizadas no pólen?  
Ah, insetos sedentos - que delas recorrem -

Selando virgens, quando do voo, cor em cor!  
Quem, sobre terra, negaria à alados ou afins,  
A cilada e o visco de que se puzessem assim?

Nos céus (sinistro), borda-se o riso d'um trovão  
Entoando hinos: sinergia dentre a fé e a benção  
A formar elos... Enquanto favos, abelhas, mirins.

## Brisa

Almas tendem a ficar leves;  
Leves qual plumas, flores de algodão  
É o que são!  
A provar do ar fresco da manhã:  
Alvorada a acariciar-te em horas calmas.  
Atiça ao instinto angelical, a brisa fria  
Da madrugada ainda alta.  
E a mão inquieta  
Faz a janela deslizar por sobre corrediças  
Enquanto, de soslaio,  
Os olhos  
Espiam a última nesga de luz  
Que o último quarto da lua cheia  
Deixou ao abandonar o céu da noite,  
Provisoriamente.  
Que volte a próxima fase da crescente.  
Estarei a espera desse espetáculo,  
Essa pareceria noturna,  
Longe dos palcos,  
Reverenciando  
A paz!

## Cantando Sertões

Do sertanejo sou hoje tiéte.  
Cowboy, cela e rodeio  
Me vejo uma grande fã;  
Das matas às lendas do Curupira  
No brejo, um coaxar de rãs...  
Na lomba densa um sítio caipira;  
Na despensa, tabuleiro manga e maçã.  
À chama acesa, diminuta pira,  
Noite alta e que logo expira,  
Apinham-se por lá, nora sogra e irmã.  
E vi goiabada agarrada ao taxo,  
Uva madura olhando o cacho  
Vinho tinto, vinhedo, avental [...]  
Pimenta dedo-de-moça e sal;  
Riso, prosa, canja e cachaça,  
O coche, a foice, o canavial...  
Sanga, taipa, pinguela e riacho  
Forasteiro à sombra da palhoça:  
Celeiro, colheita e mormaço...  
Boi que emprenha, ah! puxa carroça.  
Salve, salve! O bezerro nasceu macho.  
Eis a capela, reza, circo e palhaço:  
Um frei que um seu sorriso esboça;  
Uma fina chuva vinda do céu,  
E o frei um outro sorriso esboça...  
À moça que sonhara enfeitar o véu,  
À mão esquerda, aliança:  
Noivado, compadre, safra e festança.  
Nossa, quanta poesia há na roça.  
E quão valente se faz meu sertão.

## Cem Anos Ou Mais...

Viver é perigoso - eu sei!  
No entanto gostaria de viver  
Alguns bons anos a mais... não mais.

Viver é perigoso eles me disseram,  
Sei! Mas quem disse que eu quero:  
Não curto coletes à prova de balas.

Roleta russa não falha, falha?  
Já o tiro no escuro, este, sim!  
Busco por potes de ouro em valas...

Arrisco manter-me nas sombras;  
Quem sabe a imortalidade  
Dê algum crédito pra mim.

Cem  
Anos  
Ou... Não quero mais!  
Viver é uma quase proposta decente de paz.

## Chão De Sonhos

Cantou alto o seu canto o sabiá laranjeira,  
À soleira que estendia-se a entrada do paiol  
Uma manhã inteira, floreou, sabiá laranjeira  
Predizia Primavera bordada de frutos e Sol!

Cambará verdinho, gentil, abriga cotovias,  
Às vésperas exibicionista d'um breve arrebol  
Migrante franzina que veio buscar companhia,  
Onde redes e barqueiros pescam sem anzol...

Instigo conversa com deuses, peço por Santa Luzia,  
Me envia sua Proteção! que meus olhos castanhos  
Acostumados às belezas que a Natureza irradia...

Hão de ver mundos prósperos, ainda que estranhos:  
Não nos negue, oh deuses! a luz da Lua, seivas e dias  
Pois que à todos alumia a Vida, o chão dos sonhos!

## Cinismo

Quando se predizia,  
Seria tudo esquecido  
Àquela altura da vida,  
Quebrantada e sem magia;  
Num só fôlego,  
Tornei a subir a escadaria  
De acentuada descida...  
Não ao frenesi, ao dia a dia.  
Dar as costas aos desatinos,  
Sugeri!  
Sequer acenei à folia!  
Seguia a vida.

Zoava ela em unísono  
Em cima do trio elétrico:  
Engolira mestre sala e bateria.  
Um giro no épico:  
"A cerveja está quente, menino!"  
Mas mal algum lhes fazia.

Cético, doeie algum crédito  
A mim mesmo, claro.  
Encarnei uma fantasia:  
Fui pra o bloco, fui à rua.

Sem reclamar alegorias,  
Não hesitei: meio lerdo,  
Meio leso – fui às ruas!

E, na presença do ermo,  
Vesti minha própria farda  
De pobre homem enfermo:  
Ganha pequena chance  
A farsa alegre do triste!  
Pois que, neste ínfimo espaço,  
Nesta prosa, não há disfarces.  
Não existe o meio termo!

## Código

Mil vidas houvesse para eu viver  
Mil vidas me teriam a enunciar  
Uma fórmula ainda secreta  
Um tanto tímida,  
Discreta, talvez,  
Porém, leia-me, sensata!  
Que se dita na hora exata  
Revelar lhe ia (sem dizer)  
O segredo  
Os desejos,  
As descobertas.  
Do código  
Às senhas secretas  
Que já não mais o protegem  
Deste meu inocente  
Incomum  
Infinito amor  
Amor por você  
Você...  
E tão somente  
Você!

## Codinome, Paixão

E se o sol não me aquecer;  
Me aquieto sob um cobertor...  
Não há razão em morrer  
Por me ver sem o teu amor.

Lá atrás, n'outro dia, ainda,  
Furtei-me em lhe abraçar (...)  
Toda sorte é, porém, bem vinda,  
Desde que não mo prives t'amar!

Mesmo que dia vá, noite também,  
Não há pois, maior fuga, o viver...  
Se corro em buscar-te, meu bem,  
És de certo refúgio, ó seleta querer!

Não recuai. Buscai-me mui forte,  
Inda que te fugues esta tentação...  
Inda que esmoreça ao longo, a sorte,  
Sentirás bater, louco, um só coração.

## Como Se No Paraíso Fosse...

Nebulosa manhã - sonhara. Acordo pensativa:  
Como sobrevivera, eu, à tão mal lograda sorte.  
A qual descrevo, linhas tortas - reais motivos -  
Embora definhasse, meio a dores incisivas?

Optei ligar alertas... Limitando-me ao ser vivo,  
Pois que, melhor ambientada, fluo: acho suporte  
Junto ao magnetismo ilustrativo... dos céus!  
Amei, amei! Exageradamente, amei. Fui-me ao léu.

Ó, pena! O que ama, a si condena em segredo.  
Vai aquém das desventuras - nuas - dos véus.  
E sem ter como dizer-te, desses tantos medos,

Incorro em confiar lhe certos segredos, meus:  
Amar sem dramas a quem me amar, vier...  
Inda que inexista em mim, alma pudica de mulher!

## Conselheiros

Madruguei meus pés na estrada.  
Um ante outro, ouvi o som alto  
Deles. Batendo-os, firmes, no asfalto,  
Carreguei-os para longe das calçadas.

Energizada,  
Eu hoje acordei o sol:  
Coloquei a noite para dormir, sossegada!  
Pondo-a de volta, em baixo do seu lençol.

E, cansada de enganar a sorte,  
Dei um chega pra lá nas 'todas' mazelas:  
Pedi, com cutela, um tempo pra morte  
Convencida de que, ouvira, nenhuma delas...

E por que iria eu querer lhes,  
Os maus conselheiros e desatinos?  
Melhor seria fingir não ver lhes;  
Que eu própria irei definir meus destinos.

## Conspiração

Aprecio e observo de perto  
A este meu desassossego  
Que se me devolve em farta solidão.  
Se mais e mais longe  
Faz-se algum seu arrego,  
Bem mais forte e valente  
Far-se-á o meu coração.  
O estar envolta, a sós  
Com meus frouxos pensamentos,  
É como doar luz  
A neutralidade d'alguns frágeis  
Sentimentos  
Que, uma vez evadidos  
De mim, far-se-ão imunes então,  
À uma qualquer outra súbita  
Dose de mega, super,  
Super descabida ilusão!

## Das Dores

À dor:

"Afasta de mim este cálice de vinho tinto de sangue."

Ampara delirante ânsia para que não reprimas, algures, o vão lamento.

Pousai-me como analgésico por quando, ao fim, permanente via De gozos cumpra-se, com primor sábio, o recolhimento.

E sob a herança de delicada cadeia membranosa - córtex humano - Alumia, sem ela, conhecimento.

Pois que, nem dor, sequer nefasta peste ruidosa (mundana),

Visualizarão quaisquer gemidos surdos, lançados ao breu!

Frustrai, portanto, o posposto cambalear de ébrio errante

– assombrosa morte!

Os tais gemidos fúnebres, com o devido esvaecimento seu.

Foram-me, estes, os que outrora cuidaram por embalar, cínica

E friamente, macabro sofrimento meu.

Desígnio ateu?

Sombrio, e, ainda que imperceptível, indeléveis marcas, cicatrizes

Mostram-me, qual estandarte das espadas postas,

Que em um passado recente, o passamento doeu.

Sigo, porém. Ainda que à sombra dos salmos, sigo!

Vislumbro luzes, as do dia, enquanto que, sutis aromas noturnos

Lembram me que, sim: vivo.

Eu vivo!

## Deixo-te Um Poema

Me chamas  
Pra uma conversa  
Do tipo bem seria;  
E ficas a insistir  
Que me amas.  
Inteirada sobre a matéria,  
Perspicaz, persuado  
Sua ideia de cama:  
Criatura, apazigue seu coração  
Ora aflito!  
Ainda que semelhante  
A um galã, bonito,  
Não deito fé  
Em tua fama...  
E pra não gerar  
Desconforto,  
Ou conflito...  
Confio-te algo  
Em que eu muito,  
Muito acredito:  
Deixo-te um  
Poema.

E fica o dito pelo não dito:  
Beijos!

# Desatino

(Retalhos D´um Soneto I)

Chega-me assim, jeito moleque e mansinho.  
Ilude, trava... Faça tudo para me (lhe) impedir.  
Promessas juradas, permanecer aqui, sozinho.  
Mas ele (o amor) se mostra, depois recusa sair.

Uma dor fugidia, amarga, aperta os lábios...  
Uma lágrima teimosa cedeu, insistia em cair.  
Ah, coração! És o mais vulgar dos sábios...  
Quantas vezes não traia-me, lhe devo pedir?

Tudo bem você eu necessitar algum carinho,  
Então, como resistir entregar-se a esta droga,  
Não? Propaga igual veios d´água tal desatino.

Esta límpida fonte que, por vezes, afoga!  
Escoa qual rio na busca do mar, seu destino  
Feito oceano: gêmea alma com quem dialoga.

## Descolorindo Flores

Tua ausência, amado, tem efeito  
De frio  
Aqui em mim  
Um gelo glacial  
Invadiu-me... Tormento arredio  
Desigual  
...afins errantes - sabias?  
E por ser visto como desleal  
O abandono  
O "mal" que enviaste de si, a mim  
Consumiu-me em noites sem sono.  
Informal, preenche-me os dias vazios  
Discreto amargor  
...enquanto  
Sob o olhar curioso do outono  
Condenas bromélias – matizes do nosso jardim  
A murchar muito antes da vinda dos frios

Morta a flor.  
Arrepios.

Noites gélidas,  
Amor,  
Pedem algo mais que um modesto cobertor.

# Despedida

Um dia, uma noite, uma flor  
Floresceu em meio a tantas.  
E o caminho todo, ao redor de si,  
Cantarolou com andorinhas  
Pintassilgos, gralhas, caturritas,  
Sons imitando a Rita...  
A Lee, essa mesma, daqui  
Do Brasil;  
E o nome dessa princesa flor  
A que chamávamos pelo nome  
Lili - quando criança -  
Não desgastava se, assim,  
Como fazem  
Máquinas a desgastar peças,  
Estas de clarear os jeans...  
Ao contrario,  
Quanto mais o pronunciasse  
Mais fibras uniam os fios  
Do algodão como que formando  
Linhas delicadas...  
E entrelaçavam-se. O resultado  
Fora uma peça bela, rara, sem igual  
Transformada em um ser  
Mais que especial.  
Pois que já chegara a terra  
Com provável nome de anjo:  
Um dos derivados santos de Maria  
Predestinada a espalhar certa alegria,

Ainda que ínfima, onde passasse  
Nos lugares mais improváveis.  
Destacara-se de outrem.  
Mesmo que só, em ambiente  
Cercado por alamedas escuras,  
O seu brilho fazia-se notar.  
E, ao tocar lhes, as acendia...  
Mas houve um dia (sim, chegou o dia)  
Em que, desesperadamente,  
Precisou da despedida.  
O que fizera de forma doída,  
No entanto, natural,  
Abusando da palavra  
Adeus.  
Partiu e deixou uma só saudade.  
Saudade meiga  
Que atendia pelo doce nome  
Marli.

## Diga e Vai!

Diga. Faça-me ouvir  
O som de suas palavras!  
Sim, digei, e de novo...  
E mais uma vez mais  
Ouvir-te-ei como se fosses  
Os sons divinais  
Ecoando em meus ouvidos  
Ante o despertar colorido  
Das suaves manhãs as quais  
Nunca esqueço!  
E não esquecerei... Jamais!  
Elas me fazem revolver passados  
Que me dizem, "Amada", "Querida"!  
Colidem, despreziosamente,  
Junto à vida  
E tons das auroras boreais.  
Ah, quanto sentir!  
Quanto querer bem, meu bem.  
Igual ao seu, outro amor,  
Maior, não tem!  
Foste único, bondoso que sois,  
Aquele quem se dispôs  
A ouvir, pacientemente, lá atrás,  
Meus acabrunhados ais.  
Não! Não vou pedir-lhe, volte,  
Apenas deixa-me e, forte,  
Impregnado este teu amor  
Perfumado das promessas carnisais.  
Agora já te podes ir... vai!

## Dilemas

O que seria a fonte caso não houvesse a água  
O que seria o problema não houvesse solução  
O que seria o consolar não houvessem mágoas  
O que seria o homem não despertasse emoção...

Deixa-me provocar te a sede antes que seque a fonte  
Deixa-me ser misericórdia ante quaisquer problemas  
Tolera-me o causar das mágoas arraigadas no ontem  
Faz me única, a namorada eterna, fenecerão dilemas.

## Dizer Que...

Tira-me o poder da palavra  
Livre,  
Aqui, ora declamada.  
Dos tantos e tantos versos  
E verbos...  
Breves, soltos,  
Estando eu deles enamorada;  
Ah! Duma só vez perco eu o brilho  
Digo lhe, tudo ao meu redor,  
Entristece!  
Então, precocemente,  
Emudeço  
Os sons:  
Mínguo em brios.  
Por conta d'um coração  
Assim, vadio,  
Ermo e saudoso...  
Que, rudemente,  
De mim,  
Vai-se e esquece.

## Do desejo

Me chama de volta  
Se, ou enquanto,  
À sua volta,  
Chamas  
Finjam ser cinzas...

Pira adormecida:  
Desejos  
Dormentes  
Sobre brasas!

## Encanta-me

Traga-me de volta o brilho daquela boca rosa  
Devolvi o dom do canto, do verso, da prosa;  
Quero cores vivas que agraciavam aos olhos,  
Passeando os jardins, negaceando espólios...

Ninguém além de vós exerceria em mim tal poder,  
Negaça: ledó engodo - nobre causa. Sobreviver!  
Fazei de conta, amor meu, houve anel e noivado:  
Stop. Pare o tempo! Agora o tenho, aqui, do lado.

Meu coração brinca feliz.

Encanta-me!

## Eu e o Poeta

Redigira um poema conjugado ao esplendor;  
Ele todo a vangloriar se, e dizer se furta cor!  
Distribuíra afeto aos quatro pontos cardeais:  
Ficastes sem meus versos? Ó, nunca mais!

Vem Mario Quintana e sai a cata destes versos:  
Moça, fui estandarte, mas hão vastos universos:  
Como quereis, vós, os encontre na vastidão?  
Jurastes neles amor, não? Iludes a um coração.

Indolência ao sentimento é jogo bastante hostil;  
Gera remorso e saudades do seletor ao imbecil.  
E como encontrar palavras se te falha a razão?

Veste se de glórias o que, aí, não se diz varonil.  
Mas eis que pipoca à mesa, cartas de indecisão:  
Xadrezes da vida, hoje, mesclam se a outros tons.

"Todos esses que aí estão,  
Atravancando o meu caminho  
Eles, passarão...  
Eu, passarinho."

Poeminha do Contra - Mario Quintana

## Faces De Mim

Obrigada Senhor, eis me aqui!  
Eis me aqui como fiel obra sua  
Grata por mais dia.  
Oh não Virgem Maria, sou ave!  
Ave?! Ave (à)penas: alguém que voa.

Ave sim. Talvez, pássaro livre.  
Fantasia.  
Alma que migrou do alto:  
Rebelião.  
Um cárcere sem chaves,  
Fuga em andamento no asfalto:  
Confusão.  
Absoluta, ousada, se de pouca sorte;  
Ao longo d'uma luta sem entraves...  
Pessoa melhor, um dia. Quem sabe  
Ante a morte?  
Pecaminosa,  
Religiosa em horas graves.  
Ateia e ateu!  
O que benze a pia que o benzeu.  
Monja erudita.  
O roxo do arrocho ante necropsias,  
Escravos na própria anatomia.  
Figura tosca, maldita.  
Figura bonita!  
O vermelho carmim na boca da guria.

[o avesso do avesso,  
verdades e inverdades]

E das coisas todas da vida, Vida  
Algo ocorre mais ou menos assim.  
Sei, não és a justa - nem Judas -  
Apenas a fiel realidade de mim.

## Febril Poema De Amor

Compor, quisera, eu, um dia,  
Poesia que não rimasse com dor  
Nasciam me versos feitos,  
Suposto efeito dos males do amor.  
Quis, então, fazer novos testes  
Colocar me à novas provas;  
Deu se que, tal feito, embora simples  
Como toda a crua simples trova,  
Surtira à miúde, sutil proveito...

E 'inda que não fosse curador  
Me veio com docicado efeito  
Estilo serenata, estilo arrefecedor!  
Mas ante feitiço ou enredo, qual jeito?  
Atentei provar lhe uma vez mais, o sabor.

Contagiam os febris poemas de amor!

## Felina

Sê você nota confusa, sem rimas ou entusiasmos;  
Sê você tela inacabada e que, à vida, negou se:  
Vai-te! ilustra caminhos ao longo d'sse marasmo;  
Põe alma aos pés errantes: se urna ou se coche?

Nego-te enfim um regalo co'as falas mais doces.  
Comento ditos torpes... De si, comigo mesmo;  
No vai vai de instantes, até deixei que fosses;  
Pois que, refém do nada, lhe vi fiel ao esmo.

Livre, estás! (um cio ululante, e, a fera é presa).  
Pobre ilusão dos olhos vendados: tão pasmos!  
Jogo me desta montanha? Oh, não, vil sutileza!

Cambaleante a sorte, o riso frouxo, sondou espasmos.  
Remais contra marés? Mas eis que é sábia a natureza:  
Trouxe a vida como ofício, seu ofício em doar orgasmos.

## Filhos

Hoje, um corpo esguio, definido,  
Descansa em um leito maior...  
E enquanto isto, lá em cima, no sótão;  
Um antigo berço rendado repousa.  
Brinquedos foram descartados,  
E, a velha mochila da escola;  
Esquecida ao lado da lousa.  
Meu filho cresceu, nos seus olhos eu vi.  
Os pés que antes corriam desordenados,  
Agora, novos horizontes irão perseguir.  
Passo largo, mãos à beira,  
Fazem-no parecer seguro de si...  
A audácia anuncia um novo perfil:  
O menino, cresceu...  
O futuro tem pressa, tem hora marcada.  
Futuros têm datas precisas:  
O presente, nem tanto...  
O presente, é meu!

## Flores Mortas

Flores de plástico não coram ao sol...  
Flor que a flores imita, revela clausura:  
Solidão ao pé descalço da sepultura.  
Vaso e barro a pôr-se à vista no arrebol.

Flores de plástico não ardem por água...  
Mas vivem ao alcance de toda viva mão.  
Colocam se aos pés de ausências, ilusão:  
Hidratar de faces onde a lágrima deságua.

## Fluidos...

Olá, sonhadores!  
Apresento-lhes, aqui, este outro  
Imbatível senhor, o Tempo!  
O que se diz dono de tudo, de todos.  
Que, impiedoso, vive a nos controlar.  
Incluso, está, uma generosa senhora  
- sua genitora - dona Gaia!  
E ainda que alucinante viver,  
O desvairo fez-se minha praia.  
Já ao absoluto Senhor, a ele,  
Envio-lhe o meu descaso...  
Ocasionalmente, as minhas vais.  
Pois que tenho meu próprio tempo.  
Faz uso de cifras, memórias,  
Veste saias.  
Compra cremes a base de retinol  
E tem nome e sobrenome:  
Tempo passado!  
Briga com noites insones,  
E estresses alienígenas: é a lida!  
Idas e vindas, no propagar do Sol.  
Ao Fado do tempo lhes apresento  
Contornos acompanhados do bisturi,  
Próteses de silicone, tónus (à vista),  
O que inclui um genuíno Pitangui.  
Xi! São tantos os protagonistas!  
Afora isso – acrescento: o tempo  
É quem responde questionamentos

Pois, se há algo que aprendi,  
Das coisas tantas, esta uma:  
O senhor Tempo, ele se apruma,  
Veste-se de Realidade.  
É cruel – machuca: é bem verdade!  
Mas cura dores que por certo nos traz.  
Ah, senhores!  
Querem saber do que mais?  
Estou vacinada no quesito infame.  
O restante? Vírgula! Que se dane!  
Já o porvir, não obstante, tanto faz!

# Fogueira

O que for realmente  
Seu, meu bem!  
Nunca se vai  
Antes vem,  
Fica consigo...

Afasta pesadas nuvens,  
Tempestades,  
Todo e qualquer perigo  
Fica consigo.

A fim  
De dar-lhe refúgio,  
Seguro abrigo  
Abolindo cárceres  
Negaça, subterfúgios...

(juras aquecidas na mentira).

O que for  
Pra ser  
Tão somente seu,  
Sonhador,  
Ninguém lhe tira.

Sonha-me!

# Geografia

Sinto em mim o toque  
Das tuas mãos macias  
Num passeio livre  
Por minhas costas nuas  
Qual folhas do plátano  
A avaliar o bruto do chão  
Donde douras se deitam;  
Por ruas e mais ruas,  
Sob os escuros olhos  
Atentos da noite crua  
Que a nós dois espia:  
Breve. Um tímido espreitar  
Intruso, à luz erma da lua;  
Das tantas e tantas fases  
Em datas de estrelas frias...  
Mas eis que me ponho  
Pronta, ali, do seu lado,  
Inerte a te observar...  
Enquanto - sei - aceso,  
Estudas minha confusa  
Geografia  
Que expõe-me a intenção  
Prévia, diletta... de amar.

O forno está quente.  
E, aquecido, vejo servido o nosso jantar!

## Influências

Sê como o sol  
Que devolve à noite  
Simbólicos  
Disfarces cifrados no breu  
Sem vendar, friamente,  
Os melancólicos  
Olhos do céu  
Insinuando se às nuvens  
E lobos noturnos  
A fim de induzir lhes  
Fugir às armadilhas  
Que já não mais  
Se pode desarmar:  
Sendo, o alvo,  
Amado ou não...

Talvez o queiramos  
Proteger  
... cuidar ...  
Independe o coração.

Sê como o vão  
Do infinito  
Que faz uso d'uma fresta,  
Uma segunda intenção  
Ao influenciar

A lua  
A cativar  
Poetas, musas, deuses e pétalas  
Usando da fusão  
D'alguns temas em pequenas  
Doses de luar...  
E ainda que um novo dia  
Teime, amanhecer,  
Desdenhosa  
Finge ela, a lua,  
Desconhecer  
O repetitivo ciclo  
Das feras esfomeadas  
Desejosas  
De alimentos,  
Que não somente o pão...  
Pois que hão de nutrir  
Se na fome do amor,  
Ao amar  
[amar e mais amar].

E, sem jamais o desdenhar,  
Convicta, convoco-o:  
Sê bem vindo, amor!  
Entra, por favor,  
E que me venhas pra ficar!

# Inocência

*Por que amor meu, diga me:  
Por que será?  
Por que só o teu sorriso me aclama,  
E é a tua voz que me socorre  
A alma  
Toda vez que eu de ti precisar?  
Deve haver um porquê.  
Ou não há?!  
Não seria, então, você  
O anjo  
Que um dia, inocente, desceria  
Á terra  
Vindo tão somente pra me salvar?  
(Deve haver um porquê.  
Ou não há?)  
Mas isso tudo amor meu,  
Eu entendo  
Penso que compreendo:  
Os rumores  
Do tempo nos dirá.*

## **Inocente**

*Mil vidas houvesse para eu viver  
Mil vidas me teriam a enunciar  
O meu silente querer  
E, por brancas e poucas linhas,  
E na medida certa  
Contar-te-ia, amado, da fórmula  
Ainda secreta  
Como sendo esta a prova  
Única e correta  
De por elas lhe contar, dizer  
Deste meu pouco comum  
Inocente  
Infinito  
Amor por você  
E tão somente  
Você  
Amor meu!*

## Irmãos: Inteiras Metades

Amor de sangue  
Amor profundo  
Infinito para além dos mundos  
Amor sem limites  
De se amar sem medidas  
O acaso de amar  
Até o último instante de vida  
E seguir amando  
(para além dos mundos)  
Porque um dia forças  
(aquém)  
De nós se irão também.  
Sigamos vigiando o amor,  
O amor (nosso)  
Para além dos mundos  
Em contínua e perpétua  
Devoção de sangue e vida  
Ao que nos uniu como irmãos;  
Ignorando a dor mais doída  
Que se nos impõe  
Toda a amarga despedida.

Para: Airton, Caio e Marli (*in memoriam*)

## Jardins

Aos poucos deixou se adormecer  
Um Sol de primavera,  
Que ora desejei eterna,  
Orbitando o imaginário de mim.  
Ciente de que nalgum outro dia  
Qualquer, ante o rigor do inverno  
Abordaria, cruel, ele, o tempo,  
Sem dó... Minhas relapsas faltas.  
Lapsos de uma falha coragem  
Donde inquietante, sonda-me,  
O agir débil do ínfimo ser que sou.  
Enfim. Desígnios das sinas?  
Não, não, não! Não morreria  
Eu jamais para a vida.  
Antes sim renasceria das cinzas  
Como se uma ilibada Fênix,  
Reconstruindo voo e asas  
Após *gran finale*, seu fim.  
Penso, satisfez lhe a curiosidade  
Ó, Sina das sinas - maldita!  
E que se achega revestida  
Das tais mundanas maldades  
Nas quais reescreves de forma sacana  
Aos vis (todos) espalhados mundo afora  
Como se corrupto e corruptor(a)...  
Ao ver editado meu fim (predestinado),  
Nalgum velho e amarelado pasquim.  
Deliberadamente, destino. E agora?

Que mais queres tu de mim?  
Afasta te, asqueroso Fado:  
Ainda almejo desenhar, colorir,  
Assinar algum outro novo quadro.  
E quiçá - melhor confiante -  
Lá, pouco mais adiante,  
Possas eu, enfim, florir, iluminar  
A outros novos tantos jardins!

# Lágrimas

E no final da tarde o céu chorou.  
Copioso, amargou...  
Porque àquela manhã orvalhada  
O sol negou se. Não apareceu.  
O azul cinza, esmoreceu.  
Os homens também calaram-se:  
Calados, emudeceram  
[o choro costuma calar reclames]  
Suas dores, as feridas todas reclamadas,  
Cicatrizaram...  
[hão dores que fingem não doer]  
Desta vez por haverem sido choradas  
Em conjunto com as águas  
Que teimavam jorrar dos céus.  
Tudo na então, molhada tarde de verão.  
Lágrimas: sal que faz verter a calma;  
O amargo que nos acalma...  
E na calma d'alma, vejo-me um corpo são!

# Luta

Um nome  
Uma vida  
O chão.  
Um homem  
Uma luta  
O pão.  
Um morno ventre  
Um choro  
Um bem querer.  
Sem que se olhe  
Para trás  
O que o mundo nos exige  
É que se teime  
Em viver.  
Nada mais!

# Luxúria

Você, meu pecado capital:  
(luxúria)  
Lesã força irracional:  
(vento em fúria)  
Fosse eu roubar um beijo seu  
(perjúrio)  
A mão tocã primeiro ao lábio  
(um tanto sábio)  
A volúpia mordiscava a mão  
(menos sábio)  
Quem disse raciocínio,  
(nesta hora)  
Faz bem ao coração?  
(in-conclusão)  
Se desejo mordo e beijo,  
(inda agora)  
A estes vulneráveis, proibidos lábios:  
(ostentação)!

"Amar é cansar-se de estar só. É uma covardia,  
portanto. Uma traição a nós próprios  
(importa soberanamente que não amemos)."

Fernando Pessoa

## Maçã

Amor! Farol que nunca se apaga.  
Chama que seduz, reluz e afaga,  
Mesmo a um coração enganador.

Amor! Céu dos tantos abismos,  
Berço imenso das estrelas anãs,  
D'onde ainda vive o jovem sol:  
Luz acesa de toda jovem manhã.

Amor! Vulcão medonho, torrente de fogo  
E de brasas... Lar dos abalos e sismo(s),  
Fruto proibido e que provou da maçã.

Amor! Do bem querer ao querer bem,  
Sois, de todo, um puro otimismo.

Se, traduzido, sois bula nas curas.  
Da lâmina fria, às suturas,  
Fez-se - dentre doença e loucura ,  
A doença mais sã!

## Matrimônio

Não que eu conceba o melhor amar,  
Ao comparar lhe às quantias  
em vasta felicidade.  
Não! Assim como se fazem aos milhares...  
Não que me venhas e infrinjas a lei  
Quando, em meu sonho hangar,  
Nele adentrares meio a promessas  
airadas no infiel:  
Inadvertidos rasantes, falsas juras, que sei!  
Sobrevoando outras alturas, em outros céus.  
Revoada imatura, sabemos:  
Açúcar no mel do colibri.  
Não que me desagrade quando te deitas  
Ao lado da sutileza.  
Uma que adule traição de contigo, para si.  
O espojar se em ninhos alienígenas  
De outras belezas... Também não!  
Ou, ainda, que, labaredas  
Nefando à paixão clandestina  
Roube-me os sonhos menina.  
Não!  
Concebo o amor como saciedade.  
Um fartar-se e enfartar se de carinho:  
Enfarar se na liberdade das sensações.  
Sanção aos incapazes de a ele se dar...  
Assim, como se amar fosse,  
Mais que amar - amar, amar e amar -  
Única sina ditada ao coração!

## Meu Hoje

Mundo insano!  
Cadê suas anunciadas grandezas?  
Ou suas belezas se restringem às guerras  
Que são frias mas rendosas?  
Escancaram a forma escabrosa  
De aniquilar o oponente  
Em terras alheias  
Que se dizem magras na defesa  
Dos seus ideais.  
Não são ociosas ou feias.  
Simplesmente não mais  
Resistem ao ataque virulento  
Infringido desde Triássicos répteis ancestrais  
Até o homo sapiens, sangrento,  
Que tem na luta contrária, rivais  
Não tão imaginários como previa  
O objeto assassino  
Da indústria bélica e seus formais  
A derrotar o coletivo indulgente:  
São inocentes os meninos  
Que, o tempo todo, sentem sede de paz.  
Mundo insano!  
Se me declaro seu humano  
É por não haver outra saída.  
Ou saio em defesa da vida,  
Ou me arrastas pelo cano  
Das decepções:

Celeiro dos bem feitores anões  
Na vontade: edital vegano  
Que devora criancinhas!  
E assim a humanidade se alonga  
Em desalinho,  
E apressada ainda caminha.  
Até quando?  
Sinto-a numa redoma de vidro.  
Ó, pobrezinha!

## Meu Oprimido Universo

Ah, mundinho das quimeras,  
Honrarias e muitas flamas!  
Sei, não és entre feras,  
Uma fera que se doma...

Pergunto lhe, então: sendo eu  
Um seu composto,  
Quem ou o que seria o oposto  
Em tão ilustre trama?!  
Mormente, aflige-me imensa gama:  
Vejo-me num círculo vicioso...

Não, não me excludo de tal drama.  
Agora, caso não for eu o avesso,  
Onde encontro o Axioma?

Ah! mundo tortuoso que me exige,  
Vê. Tenta-me, invade, consome...  
E a qualquer preço  
Quer ele me consertar.  
Alto lá. Entenda: sou só mais  
Uma dama empenhada em ajustar...  
E se bem o conheço, vasto Mundo  
Vasto... Amedronta-me tua má fama.

Mas, um definido bom Caráter,  
Ainda conta, ainda soma:  
Há em cada obra um seu valor

E, de certo, um endereço...  
Um muito obrigado, um sim Senhor,  
Também tem o seu apreço.  
Enquanto isso, me atrevo ó Vida,  
Com a sua devida licença,  
Por aqui eu permaneço.

## Morre Em Ti

Um traço, um riso  
Um cheiro!  
Ou mesmo o teu abraço  
Teso, um gesto afanado.  
O afago que escondes nos braços  
Rudes dizendo das falas e atos.  
Hiato que faz dum lábio o marco.  
Aquele ao qual me reporto e por nada  
Ou ninguém menos que tu, me desfaço:  
Condeno-o a ser desejo!  
Único beijo sem adeus!  
Selo a zelar o derradeiro  
Corpo em perpétuo cansaço  
Condenado a busca - Jamais finda -  
Do amor primeiro.  
Alojado neste parco espaço do peito:  
Emaranhado de veias, veios generosos  
Nos quais mergulhas em nóias de amor.  
Sem pudores no teu pudor;  
Que é onde me acabo, me desgraço.  
Se em ti, fiel eterno parceiro  
D´uma história que zela em ser linda.  
Simplestória que, na loucura,  
Se fez infinda.

## Morrer Em Alto Mar

Eu `inda hei de morar no mar.  
E por mais largas e fundas façam-se, as suas frias  
E broncas águas;  
Não me serão (elas) capazes  
De as mágoas todas, afogar.

## Mulher

Cedinho atinei à caudas de nuvens no céu.  
Carneirinhos convidavam-me, vamos sair?  
Diziam entre si, faz bem inovar... distrair...  
Lamber o ar, ver o sol. Vagar meio ao léu.

Intuindo os longos cabelos de Rapunzel,  
Os meus libertei; contas e laços de purpurina.  
No rubro dos lábios, o olor alucinante do mel;  
No colo, um colar que aos opostos fascina...

E embora eu veja a mulher dentro do vestido;  
Por vezes retraio-me, e enxergo a menina...  
E ainda que ensaie negar aos tantos pedidos;

Encontro-a reclusa no toque conciso do poema.  
Perguntas porquê. Sê flerte você, amor proibido?  
No nanquim dos olhos, a densa reprise do tema...

## O bem x O mal

Que não pelo mal  
E sim pelo bem,  
E por visão do aconselhável,  
Posto ter sido esquecido,  
Abandonado  
Neste desconforto intragável  
De ser-se deixado de lado...  
Teu ombro amigo,  
Amigo,  
Hora destas, preciso:  
Sois, meu vício,  
O viável.

## O Homem e a Fera

A vida jamais lhe foi.  
Ela o é isso que a vida é.  
Mesclas do agora e um depois,  
Gentes tantas e essa indistinta fé.

Hei! Conta-me dos rigores e planos seus,  
E lhe direi eu dos rigores e feitos meus...  
Vê. Hão segredos entre céus e terra.  
Mas, cultuo não ignorar a um deus...

Homens! Não sofram por suas guerras.  
Menos ainda por creres instintos ateus:  
Atiça em si sodomia como se oculta fera;  
Lhe afana a fera tudo do pouco que viveu.

## Objeto Do Verbo Amar

Ainda que viva em mundo vasto,  
Tão farto de fatos e cores...  
Sigo na paz, à luz do meu Fado.  
Sina vã, por jardins e outras Flores.

Alivia-me a sã consciência,  
A cobiça ao sucesso ou dinheiro.  
E, ao remeter-me às lembranças,  
Penso logo o amor primeiro...

Eventos memoráveis, os de criança!  
Aventais brancos, rodas, bancos, recreio.  
Mestres e lisuras - caráteres louváveis!  
Bons Tempos, afirmo-te, sem o menor receio.

Mas, incauto, ainda que vivendo o presente  
Turbulento; o idiota coração sofre, pressente  
Que, mesmo ao meu amor da infância  
Argumenta-me outra nova circunstância:

Contorná-lo a dispensa d'um passado...  
Pois, que, nesses novos tempos, mudados,  
Sonhos normais, de fantasia ou decência  
Aos elementos frágeis, soma se a ausência.

## Olhar Pirata

Bravos corações  
Passam a ferir  
A si mesmos  
Quando, no seu entorno,  
Moldam se ilusões  
Combinadas ao desatino  
Da desesperança.  
Mesclam-se às bodas,  
Boas e más lembranças:  
O traço fino  
Das emoções  
A delimitar aliança...  
O córtex reclama  
O vital desta aliança:  
Vícios e desperdícios  
A serviço  
Do nada.  
Pois que, destinos  
E humanidade,  
Omissos;  
Vergam unidos às enfermidades  
Da alma.  
Enquanto alienados  
Na barbárie  
Patológica dos séculos  
Propõem ideais com suporte  
Na mediocridade  
Silente das premissas...  
O objeto?  
Explicar ao padre

A lógica da missa.  
Sem que séculos em guerras  
Ouçam a voz  
Das sortes...  
Toscamente omissas.

## Os Deuses e a Lua

Diz me de quais cores se vestem as nuvens?  
De que cor mesmo é feita a cara do tempo?  
Há dias de pouco alento, tolhidos pelo vento.  
E ainda que crentes dedos em cruz, cruzem

Os céus; não mo diríeis, ó lua, do seu visual.  
De que vestes fizestes uso? Irias com qual?  
Não veríeis ameaças poeirentas, intrusas.  
Não encontrareis, meio a coisas confusas,

Respostas concretas - pois que as negam -  
Quando do alto, belezas únicas nos cegam.  
Mas um olhar cego melhor vê se inebriado

Ao som de violinos que aos deuses, oram!  
Tocados a exemplo dum olhar apaixonado,  
Mira certa: uma flecha que viajara a Órion...

## Outras Luas

Vi noutra noite, a lua.  
Viva, soberana,  
Ocultar-se. Embaçar o rumo das ruas:  
E então - óh, presunçosa lua!  
Tu que rouba o brilho da estrela  
Que fugas em noite escura,  
Devolvei a luz às estrelas.  
Todas elas, sejam elas minhas,  
Sejam elas suas - proclama!  
Pede. Pois, que, toda a estrela, flama!  
Também ela ambiciona um dia ser lua  
E enfeitar o escuro das ruas  
E brilhar ao som d'um violoncelo,  
O celso da volúpia que ousa - no belo  
Das notas tantas -  
Inquiri-la à unção d'algum si, ou dó.  
Sei, ora, num vislumbre breve,  
De alta madrugada; vê-se fria, apagada;  
Primorosamente nua de brilhos...  
No entanto, a realeza sua, perpetua:  
Persiste no devanear das fantasias,  
No idear dos sonhos...  
Nobre, immortaliza serestas  
Geriatriza seresteiros  
Desassombra florestas  
Elabora incestuosos cios no dandar dos cipós

(...)

Sei, és também parceria da solitude  
Do nômade, do forasteiro.  
Me fiz - fizeram-se - os teus fãs!  
E, tanto, que sequer meus toscos versos  
As violas, os violeiros, serestas,  
E seresteiros, sob tal vislumbre e luar;  
Jamais sentir-se-ão, sós!

## Ouvi Dizer Por Aí...

Insípidas, monótonas palavras  
Não impressionam, não têm sabor.  
Mas também como a límpida água;  
Toda inodora, insípida e incolor...

Insípidas palavras, em sendo o meio,  
Reverberam. Implicam algum teor!  
Contudo, suponho, eis que interveio:  
Comprometeu-se em muito o sagrado.

Daí da criação de um significado,  
Forte. Tão óbvio como sede e água;  
Portanto, dígno a dígna palavra amor.

O básico, bem como o inodoro a todos...  
O insípido ao mar e que no mar deságua.  
E tudo o mais que não reclame cara e cor.

## Palavras

Ditas, escritas, inscritas,  
Não ditas ou proferidas:  
Palavra ouvida?  
Quem sabe nunca lhes diga a certa,  
A palavra devida, a correta.  
A que lhes desperte e convide à amar.  
Amar ao próximo como quem ama a si.  
Sugiro, então, o laborar como meta.  
E, ainda assim, prefiro ao afeto  
Ante o frio poder especulativo da lida.  
Porque, de in-certo, senhores,  
Vulgar, basta nos o vil do desafeto  
No rústico tear da vida.  
Produzindo enredos até o último respiro:  
Eis a penúltima palavra indevida!

## Passado a Limpo

Não escrevo mais poesias.  
Cansei de mim e quase tudo,  
Dos eteceteras da vida.  
Não escrevo mais poesias  
Realçando a cores esmaecidas.  
A jornada é bastante longa,  
Tão comprometida  
Está com os desassossegos  
Que se nos impõe a vida

[traumática, ilógica, fingida]

Fiel em hipotéticos reinos  
Inibidos por abertas feridas  
Como se arena e leões,  
Como se terroristas suicidas...

Não faço mais poesias:  
Amputaram-me os dedos,  
Estupraram-me os olhos  
Ofuscando a virgindade d'minha alegria.

Aborto a fantasia factual  
Do hipócrita no eventual dos dias...  
Perdoai! Desfiliei-ei-me de Era  
Ao assumir a greco terra

Dos deuses pagãos  
Como se pretendendo antídoto,  
Refúgio ou mesmo imagia  
À anular esta minha acanhada,  
Inusitada, estranha melancolia.

Diz me como então adornar lhe santa  
Poesia?  
Não dar-te-ei este meu inconformado  
Adeus!

## Passo a Passo

Fez se tarde o entardecer da primavera.  
Vagueio por aí.  
Mãos nas luvas  
Cabeça na lua  
Meus desassossegos?  
Trouxe os comigo às ruas:  
Cansou me deitar à espera tua.  
Os pés tocam a calçada,  
Piso firme no chão.  
O pulmão inspira, expira,  
Bate forte o coração.  
Ouço os próprios passos me acompanhar,  
Exigido, o corpo inteirinho sua.  
O pulso pulsa.  
Bate forte o coração.  
Sangue quente aquece as veias  
Efervescente,  
O pensamento a me espionar.  
Sigo em frente.  
A cidade toda envolta no glamour.  
Ostentosas vitrines  
- o neon e suas teias -  
As esquinas, o trânsito;  
Tudo a fluir.  
E eu, alheia, devo seguir.  
A vida roda ao meu redor.  
Todo o tempo,  
O tempo todo, sem parar.

Meus olhos e ouvidos,  
Escondem se: nada ouço,  
Nada vejo.  
Nem anúncios, nem gracejos.  
Só o meu andar indo em frente  
Levam os meus passos  
Um após outro. Sempre.  
É o meu vagar.  
Transponho os maus momentos:  
Exorcizo o meu pior!  
Um dia, num outro virá o melhor.

Toc, toc, toc,toc, o meu andar.  
Tic tac, tic tac, tic tac - o relógio!  
Um último toque: desligar.  
Aquietem-se. Vamos brindar!  
Ah, respiro fundo. Harmonizo.  
Serenos vem,  
Aprumo as asas.  
Hora de voltar.

Desfilam rápidos estes nossos verões!

## Pedra Nobre, Pedra Pobre

Solitário  
É o anel  
O que ainda  
Não se viu  
Parceiro seu...

Solitária  
É a pedra bruta  
A que nega  
Fazer-se minha  
Companhia...

Eu, transcendente,  
Vivo cercada  
De sonhos:  
Próximos,  
Distantes...  
Alheios de mim,  
Por fim.

## Poema Sóbrio

Ao debruçar minha esferográfica  
Azul, ainda morna, em morno  
Leito amarrotado;  
Um poema em desalinho, desenhado,  
Por sobre a plataforma amarelada  
Das muitas lembranças escritas,  
Quase que dissimuladas...  
Em forma de letras estudadas,  
Agradeceu!  
E o silêncio prazeroso  
Da noite nos envolveu.  
Nenhuma máquina estaria ligada.  
Rua alguma em movimento:  
Eram eu, o silêncio e o momento,  
Que me faria brevemente devotada.

Orvalho, em louvor do esquecimento,  
Convidava deitar-me sob o manto  
Do céu estrelado...  
Fina lua respingada,  
Na, então, ainda longa madrugada.  
Fechemos os nossos olhos,  
Poema sóbrio.  
O dia logo amanhece:  
Arrebol caiado donde, ínfimos detalhes,  
No íntimo de todo pecado, reaparece!

## Poesia II - Sinfonia

Que, a esferográfica azul, parceria  
Da minha pacata agenda noturna,  
Me ajude a compor poesias  
Que não me contem dos desfalques  
De alheia alma a atravessar desertos.  
Uma poesia - tira me ela a paz -  
Sem alterar ingênua guerra íntima,  
Construída nas vozes e vezes  
Da calma dos seres inquietos...

Como se andejes marujos do Saara,  
Viajando sob o dorso do vento seco;  
Expostos à miragens do meio peregrino:  
Adormecer soldado e acordar menino,  
Ao fugir das tempestades  
A caminho dos seus destinos.  
Com suas bagagens  
De tartaruga gigante sobre o calejado  
Dorso; como se elas moradas fossem.

Uma poesia, onde, as notas,  
Façam-me tocar o íntimo  
De arranjos musicais desajeitados  
- invenções de cérebro cansado -  
Fomentado pelas notas de Mozart,  
Ou Beethoven e seus delicados ouvidos  
Nos idos de 1820,

Embelezando a Nona Sinfonia...  
Assim, desejo, me seja a poesia.  
Quando dela me farei ouvinte  
- vultosa companhia -  
Do amanhecer ao dia seguinte.

## Quando Me Bate o Sol

Somente para pilhar  
O destino  
Tomo eu logo rumo  
Na vida.  
Deixo me guiar por caminhos  
De Sol  
Pois que ele  
Energiza meus passos  
Na longa estrada.  
Ando, ando, ando.  
E (de novo),  
Torno a andar só.  
Porque, a resposta  
Aos meus porquês,  
Será sempre a própria  
Caminhada,  
Sob o ilustrar  
De glamourosos sóis.  
  
Sua bênção meu rei!

## Quem Sou Eu?

Sou assim, assim.  
É o que sou!  
E assim que por aí me vou  
- desperta!  
Meio santa,  
Um tanto impura.  
Meio esperta,  
Um tanto burra.  
No geral, sou meiga,  
Vez em quando, dura!  
Busco alguém que goste  
Deste meu jeito.  
Alguém que me admire  
As qualidades  
Para depois, então, amar  
Também os defeitos.

Exagerada!

## Reencontro

E, quando dei por mim...  
Já não mais havia eu, você, nós dois.  
Ó, não! Nunca mais nós dois. Nada!  
E nem maldade. Nenhum rancor.  
Sequer um depois... Ah, o depois!  
No entanto (como não?),  
Poderia existir algo, sim!  
Talvez ainda coubesse sermos amigos?  
Bons amigos... talvez.  
E sem tentar reunir pedaços:  
Resquícios de um amor antigo,  
Sentimento difuso, dorido,  
Que, se revivido, malvado amor,  
Só faria maltratar tudo outra vez.  
Muito além do que já nos fez  
Esta (cruel) tamanha dor!

# Resiliência

Sobrevive feroz,  
Aclamada a esperança,  
Meio ao desespero  
E desgraças,  
O infeliz...

Mormente,  
Nas causas  
Mais improváveis,  
Complexas,  
Fomentar-se-á  
Insistente-mente  
A força inoxidável  
Nas reservas  
Do resiliente

## Rigidez

Minhas estúpidas  
Lágrimas,  
Almejam lavar mim'alma  
Estúpida.  
Vai fundo,  
Vai, bate forte!  
Quem sabe acorde  
E absolva me os defeitos  
Ao perdoar algum bom feito  
Desfeito pela má sorte...  
Quando desta pressão vivida  
Exigidos os efeitos  
Do meu norte:  
Virtude e lucidez.  
E quanto mais toscamente,  
Ainda que na demora flua  
Balsamando feridas,  
Que aguarde eu a crua  
Rigidez  
Maculada  
Estampada  
Na estupidez  
Da morte!

## Sabor Tristeza

Dor da saudade: sensação  
Que amarga dentro do peito.  
Você pede, vá embora,  
Ela insiste - não tem jeito!

Ensimesmada, me confundo  
No rápido afastar das horas...  
E em vão sofro calada,  
A solidão que não me ignora.

O tempo, infiel amigo, ora!  
É parceria dos dias amargos.  
Não dispensa o lirismo  
Do amor que viajara ao largo...

Destas coisas sem altruísmo,  
A nos levarem por aí além...  
Trazendo um pouco de afago,  
E que julgueis de si, aquém...

Só não me iludas (promessa)  
A confundir-me a mente:  
Quero esquecer o passado,  
Em nome de viver o presente.

## Se Me Amares...

Porque, se me amares,  
Amor,  
Não duvida  
- lhe serei fiel.  
Troco o meu riso amargo,  
Por esse doce e largo sorriso seu.  
Se me amares  
Amor  
Mesmo que desconheça  
Irei vasculhar contigo  
Os rumos  
Do paraíso...  
Se me amares amor!  
Acredita:  
Embora a felicidade ímpar  
Inexista  
Viajaremos por muitos céus!

## Subtraindo Letras

Sei. Sou mutável, sou mutante.  
Mudo tudo de lugar,  
Mudo tudo o tempo todo:  
Tudo ao mesmo tempo (em tempo)  
No templo dos relógios.  
Ele acorda no meio do dia, diz bom dia.  
Depois, almoça à meia noite.  
Desorienta, inferniza à damas.  
Muda a derme: relógios nos roubam,  
De colágenos à clorofila dos verdes.

Mudo, eu. Cala tu. Exemplifico.  
Perde em sabor a vida claustrofóbica:  
Claustro mosteiro das algas e corais no Índico.  
Modifica se o rumo das conversas  
Quando falha a velha prosa:  
Silêncios demasiados gemem alto  
Quando não solicitados.  
Contrária aos manuscritos encarcerados,  
Uma certa quietude me suporta:  
Faz oposição ao modo indiscreto  
De examinar Florbela Espanca  
(ainda que se pareçam mulher e poema).  
Pois que, falar de amor e tristeza,  
É como tocar em única sequência  
O teclado dos pianos: a quem importa  
O alarme do frigorífico, a buzina da ambulância?  
Catastrófico, sei! Mas somente eu posso mudar  
O rumo das aéreo líneas que voam a Bali  
Sobrevoando Pacíficos. Estrofes no soneto original;

Embora me veja uma aficionada por lendas e sonetos.

Interfiro nas sínteses mal comentadas.

Nego sentido próprio à semântica.

Folheio dicionários com dedos afoitos

E olhos avermelhados, irritados.

Afetados estão pela alergia às traças:

Coisa inoportuna; mas sempre a cata

Das palavras.

Confundo hiatos com boatos,

Alhos com bugalhos.

Deço o rio na carona da quina da onda

Destinada ao mar. Ocupado, está,

Em lançar uma das pranchas de Guga

Em praias de Santa Catarina.

Empunho luvas subtraindo vaias,

Num louvor à raquete de Kuerten;

Enquanto Nadal se afoga em sudorese

Alinhado aos fios das redes de nylon.

A cada árvore cortada, dou lhes um aterro

Com aromas de ramos de alecrim...

Sem sequer questionar o porquê

Da existência do átomo.

Ou o ressuscita(mento) de féretros.

Peço, ainda, sepulta-me na floresta

Dos bugios

Negando uso a florins estrangeiros:

A menos que o achado sejam notas musicais

No violoncelo do Adam Hurst, ao som

Do Mix Sparrow e sua Melancholly.

E das borboletas nas quatro estações,

Digo, serão elas, borboletas azuis,

De fato, lambendo à metamorfoses

Ufológicas; os recém chegados sois  
De Plutão ou Marte, durante alternância  
De base, nas bases de Cabo Canaveral?  
Alienígenas com a cara dos asteroides  
Abatidos em voo, na vastidão do infinito.  
E que nem transgressor ele é, admito!  
Detritos caem ao mar, regularmente.  
Mas se farão salvas - do exílio -  
As letras do meu confiável alfabeto.

## Tela e Arte

Amo como amam as nuvens... Plumas,  
Entre céu e mar, os deuses. Elas divas!  
Como tempestade de estrela e brumas  
Por si expostas, depostas e à deriva...

Amo como aos que a carne dilacera;  
E sem ser boca, e sem ser fera.  
A tudo que tenha princípio, meio e vez.  
Amo-o, assim. Desde o início até o fim;

Puro engano comprometido na lucidez.  
Esta, que o seu desamor tirou de mim.  
Amo com pesar embora pense odiar te;

Nem menos ou mais. E somos tela e arte  
E tudo o que há no aqui e agora... Enfim,  
Amo como amo por saber de ti ser parte.

## Um Adeus

Como adivinhar lhe incógnita face,  
Filtro dos disfarces após maravilhas  
Que hora a mim tornam como graça?  
Recompensa por suas ingratas palavras,  
Ditas com rudeza (frias), jogadas ao ar?  
Não! Não me peças perdão.  
Não saberei eu o que calar.  
Antes beija-me alto e forte a boca,  
Às cegas, como se a única saída  
Digna de perdoar fosse tua e não a louca  
Indecisão minha, que leva me agonizar,  
Sozinha, na varanda das saudades  
Preferíveis de serem sepultadas  
Para todo o sempre, se expostas  
À imensidão das areias desérticas  
E que se perdem, ao fim, no horizonte  
De todo o sofrível desenlace.  
Vai. Deixa-me ser ave liberta,  
Perder-me nos céus das promessas  
E ilusões, avariadas... adversas...  
Encontramo-nos, lá, no meu infinito,  
Quando já houver aprendido  
Que, finalmente, aprendi a me amar.  
Diga me, adeus?

## Um Certo Fred Astaire...

Foi quando então optei por me fazer... viva!  
Quando passei a contar incontáveis estrélas,  
Assim, meio que estupefata ao adorar vê-las  
No magneto oculto: esfera ilustrativa dos céus.

E sem ter como contar lhes em seus dedos...  
Agoniada, vai e confia lhes certos segredos...  
Atrevendo-se a ludibriar Evas, ameaçar divas,  
A amar sem medo a quem lhe amar vier...

E ainda que trovões dispersos instiguem furtiva  
Nudez (estes nada santos desejos de mulher),  
Habitou-se negar ao que não convém, ou quer.

Garante a farsa subsistente à Diana, sobreviva,  
Aos encantos de um Eros camuflado, se houver,  
Nos palcos do paraíso... Um certo Fred Astaire?

## Um Estranho No Ninho...

Cheguei!  
E, realmente, me chegastes sim!  
Assim o foi e, tão de repente,  
Imitando à anatomias, diria:  
A mais bem sucedida e perfeita!  
Vinda dum emaranhado de linhas  
Feito enfeite.  
Caixinha de surpresas colorida  
– presentão!  
Um tilintar, um amontoado  
De sucessivas batidas  
Coração?!  
Mas, ainda que enclausuradas  
Neste mistério restrito - delicada prisão -  
Afloram de si, então, as respostas.  
Expostas. Todas postas em avaliação.  
Como que num suspense  
E, lentamente, desvela se o raio xis  
– emoção!  
Traz consigo, escondido, e me diz  
Daquele seu algo secreto,  
Protegido, ao qual denomino  
Paixão?!  
Eis que, um estranho no ninho,  
Volveu do Segredo (o esconderijo)  
E sem segredos velou por noites e noites  
Um sono e uma razão  
(sem a mínima razão).

Pois, mesmo que longe, antes ou durante;  
Veio-me entremeando convulsivos sonhos,  
E embora abastadas, fizeram se minúsculas  
As nascentes deste amor líquido,  
Emergente, desejoso do alimento  
Simple - por outra - de todo eficaz.  
Suficiente, quando em decocção.  
Mas, se ali destilado... Alívio:  
Absinto na dor!  
Se destinado ao carente  
De um desejo ardente  
– sedução: absinto na dor!  
Agora, essencialmente, não fora dúbio  
Me serias - tão somente -  
O meu grande, querido  
Amor!

## Um Eu Vulnerável - Amar II

Tal como folhas do plátano,  
Escorregando leve nas águas turvas  
Das chuvas,  
Às soltas no chão do outono,  
Por toda uma rua;  
Brotavam inquietantes  
Carícias,  
Aquecidas d'um desejo tenso,  
Uma vontade intensa: alcançar-te.  
Alçar te como faz o Céu ao abraçar a Lua  
Longe da Noite escura.  
E num ato inconsequente  
Deixar-me violar...  
A pele sua,  
Minhas costas nuas  
Eu abandonada em seu leito  
A ostentar Luxúria...  
E é assim, desse jeito,  
Para o meu auto exílio e deleite  
Que, dentro, em meu peito,  
Devo também, me deixar amar!

"O amor é quando a gente mora um no outro".  
"Amar: E da minha boca fechada nasceram sussurros  
e palavras mudas que te dediquei..." (Mario Quintana)

## Vil

(Retalhos D'um Soneto IV)

Ah, frágil palavra a se saber!  
E se me afundo em poesias,  
É porque há bem pouco a dizer...  
Se não sendo em profunda harmonia;

Subjugados, somos, a um mero viver...  
O que no homem faz se'inda mais forte,  
Em cada falsete a se lhe obedecer...  
Imposto por direitos ou dribles à sorte!

A que afagamos desde o nascer:  
Intrusa vulgaridade vil, da morte  
Vil. O luto que se nos frustra ao rondar.

O comum, obsoleto, julgado incomum,  
Mas que, indiscriminadamente, um a um;  
O final abraço vem (sutil) nos alçar.

## Xadrezes

Meus pés do andar, cansados,  
Ainda trilham o vagar do vago;  
E seguem as mesmas trilhas  
De toda lamúria ou descaso,  
Que nos fez escravos de nós mesmos.

Mas quando tornares ao seio da casa,  
Irei afundar-me nos teus abraços.  
Abraçar nuvens de cheiros  
Desenhos de travesseiros,  
Xadrezes de almofadas...  
Beijar-te-ei a boca molhada.

Examinarei, faminta, o volume do sal  
Do teu oceano.  
Beberei, depois, do colo da noite  
O sereno  
Ao pisar o solo deserto deste espaço  
Donde usas e abusas do seu direito  
De andar em terra firme,  
Enquanto me disfarço:

Pele, pelos e coxas (sussurros roucos).  
Ignoramos, pois, quaisquer desculpas,  
E aquele nosso suposto cansaço...  
Amo desmaiar (a sós) em teus braços,  
Sem remorsos, sem culpas.  
E neste jogo, ao pôr de outro dia, refaço me!



[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Nunca tive a honrosa pretensão  
em denominar-me poeta.  
Costumo, sim, brincar com as  
palavras: elas me atraem. Muito  
embora, algumas vezes, elas  
próprias me traem.**

Um eu poético propicia um diálogo importante e direto com o leitor. Nele a autora expõe a intimidade dos seus versos de forma espontânea, facilitando a interpretação. Há, aqui, componentes básicos para que se desperte o interesse em foliar-lhe as páginas. Ao mesmo tempo que sua poesia conversa com ela própria, entrosa se ao cotidiano e impõe questionamentos. Ao todo, faz se uma discreta sintonia entre rimas e musicalidade dos textos, possibilitando ao imaginário complementar o exercício dessa interação: "Sou menos audaciosa do que gostaria. Tenho vida múltipla, diferente. Um tanto arredia vez ou outra, de certo. Mas converto-me em alegria e reciprocidades. Benevolente, quando devo ser. Compreensiva. Ouço a músicas de todos os gêneros, inclusive as chatas, como a porre do Amado Batista para melhor avaliar a outras que estão em outro patamar. Gosta de ginga, capoeira, futebol, suco natural. Revista Sabrina Almanques. No entanto fala sobre coisa séria durante quase todo o tempo. Sou um pouco disso tudo. E apesar de bastante FELIZ".

Boa leitura!

